

ESPECIFICIDADE DA SEXUALIDADE HUMANARener Olegário Lopes¹

RESUMO: O homem deseja sempre estar com outro. Neste trabalho iremos refletir como uma pessoa além de estar com outro, pode ser o outro, no âmbito de sentir, relacionar-se, estar junto e amar totalmente o outro como uma pessoa e não como um objeto ou um meio para satisfação individual. Mas, ser no outro aquele que o completa, sendo a realização, fundamentação e centralidade do ser pessoal. O ser humano deve identificar-se como sendo um ser sexuado e formado por características que somente ele tem, diferenciando-se em relação aos outros seres e objetos de acordo com sua forma física, psicológica, racionalidade e principalmente em sua transcendentalidade, que não se resume nesta realidade material, mas supera todos os “esquemas existências” do ser. Destarte, esta sexualidade está sendo completada no outro, ou em si mesmo? Vulgarizada em mero desejo ou realizada na sua integridade como ser humano? As características específicas da sexualidade humana nas suas curvas e derivações na dimensão masculina e feminina mostram suas variâncias e suas formas de serem reconhecidas não como deficiências, mas sim uma oportunidade que revela sua grandeza e se deixa orientar livremente nas escolhas de ambos, entendendo um ao outro e formando assim uma relação interpessoal. Entretanto, nesta cultura hedonista, utilitarista sempre se pergunta sobre estes temas, que necessitam sucessivamente ser revistos: o sexo é unicamente prazer? Posso fazer tudo com meu corpo? Sexualidade pode resumir-se em genitalidade e determinação total da carne, esquecendo a dualidade de homem? Deve-se preocupar sempre com a importância da sexualidade na formação humana e sua parte na integridade do ser, porém, a cultura atual adere a vários contra valores humanos e éticos que destroem o caráter essencial do homem.

Palavras-chave: Sexualidade. Relação. Mulher. Homem. Amor.

ABSTRACT: Humans constantly desire to be with others. In this article we will reflect upon how one person rather than just being with another can become him self the other, in the scope of feelings, relate to, be together and love others unconditionally as a person, not as an object or a manner of self-satisfaction. Human beings should indentify themselves as sexed and formed by characteristics that only they have. In this manner differentiating ones self from the other beings and objects in accordance to there physical, psychological, rational and above all in their transcendental being that does not resume its self in this material reality. But instead overcomes all the “existential scheme” of the being. Consequentially is sexuality being completed in others or in one’s own self? Has sexuality been vulgarized as a mere form of desire or have we as human beings carried it out in its integrity? The specific characteristics of human sexuality be it in the curves or in the various dimensions between masculinity and femininity show us that these variances forms shouldn’t be seen as a difference, but instead as a opportunity that reveals its self. In this manner allowing freely both to make decisions, understand one another and in this way making a interpersonal relationship. Nevertheless it is always question in this hedonist, utilitarian culture the fallowing themes that need to be revised: Is sex only pleasure? Can I do anything with my body? Can sexuality be reduced only to genitalia and total determination of the flesh, forgetting the duality of humans? There should always be a constant search regarding the importance of sexuality in the human development and its role in the integrity of the being. However, in the current culture, people proceed against various ethnic and human values that destroy the human essence.

Keywords: Sexuality. Relations. Women. Man. Love.

¹Graduando em Filosofia pela Faculdade Serra da Mesa (FASEM), Uruaçu-Goiás. E-mail: rener.pneu@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A temática da sexualidade humana é um assunto complexo e necessita de boas referências. É imprescindível, para sua reta compreensão, fazer a distinção de termos singulares sobre o assunto. Inicia-se definindo o significado que Karol Wojtyła (1979), em seu curso Teologia do Corpo, deu para o termo sexo:

“(...) primeiramente, refere-se a essa diferenciação de homem e mulher. No mundo moderno, pensamos em “sexo” como algo que você faz. O sexo, antes de tudo, não é algo que você faz, é algo que você é. Então, quando falamos de “sexo” aqui, nos referimos primeiramente neste sentido antropológico da diferença sexual, “duas encarnações do ser humano”, como diz o Papa. Geralmente, não se refere ao ato sexual em si.”

A referência que se deve tomar diante da sexualidade não pode ser de modo particular, mas deve entender que se estende a um ser que é complexo, limitado e superior a todos os demais seres: o homem.

Algo análogo se verifica na estrutura homem-mulher e no significado “humano” desta estrutura. Ser-homem e ser-mulher não são só estruturas objetivas (fisiológicas, biológicas, psicológicas) que se manifestam em indivíduos singulares, elas podem, também, encontrar-se e juntar-se.

Existe uma complexidade modificadora que se resume no doar; saber que não é a sexualidade que cria no homem e na mulher a necessidade de se doar um para o outro. Mas, ao contrário, tal necessidade, presente em toda pessoa humana, encontra sua expressão na união física e sexual do matrimônio. A necessidade de se doar e se unir com outra pessoa é mais profunda, e está intrinsecamente ligada à existência espiritual do ser humano. Ele não fica plenamente satisfeito simplesmente com a mera união física com outro indivíduo, pois seria então uma mera objetivação do ser.

O significado humano do homem e da mulher está precisamente centrado na realização interpessoal. Todo o mistério da sexualidade humana está neste encontro intersubjetivo e interpessoal, que não pode ser separado das condições corpóreas, mas deve ser uma relação de pessoas e não só de corpos. Esta relação pessoal envolve a capacidade transcendental do homem de envolver-se espiritualmente com a outra pessoa, ou seja, é um envolvimento por completo, de corpo e alma.

A sexualidade sendo definida como forma plena de comunhão e dedicação vai além do dado instintivo, ultrapassa o orgânico. O Dicionário de Filosofia (1996), define

sexualidade como: “Conjunto de fenômenos orgânicos e psíquicos vinculados ao exercício das funções sexuais. A sexualidade humana distingue-se do animal pelo fato de não ser obrigatoriamente vinculada à reprodução”.

A francesa Yvonne Pellé-Douel (1999), que defende a igualdade entre homens e mulheres na Igreja Católica, disse que: “De modo particular se afirma que a sexualidade humana se dá unicamente nas realizações entre seres humanos que se reconhecem como tais; é necessário insistir no adjetivo ‘humano’. Reciprocidade se dá onde dois seres existem plenamente e se encontram, ou seja, a alteridade é uma abertura ao outro levando ao conhecimento pleno da integridade do homem.”

A importância da alteridade demonstra-se na sexualidade que não consiste somente em uma estrutura biológica e fisiológica do homem e da mulher, mas implica também, a nível humano, uma dimensão transcendental: estabelecendo um novo diálogo com um novo ser que não é só corpo.

Podemos então falar de um “sentido esponsal” que seria uma vontade para o outro, se divide em três dinamismos básicos. Primeiro, a complementaridade sexual, que leva ao chamado para a união, que é a segunda dimensão. E a terceira dimensão é a fecundidade. O verdadeiro amor sempre dá frutos. É também sobre isso que falamos quando nos referimos ao sentido esponsal do corpo. O homem só pode descobrir-se a si mesmo quando se doa.

2 A SEXUALIDADE EM SUA COMPLEXIDADE E UMA GENITALIDADE COMPLEMENTAR

Reler a linguagem do corpo é necessário para podermos diferenciar e apresentar o verdadeiro significado da sexualidade e genitalidade, primeiramente na dimensão ontológica (“estrutura interior”) e então – como uma consequência – na dimensão subjetiva e psicológica (“sentido”, “significado”) do corpo humano.

A sexualidade humana não trata só de uma função, mas sim do ser pessoal humano; não é só uma atividade encaminhada a um fim, mas a realização da pessoa humana enquanto tal. Com isto, não se quer dizer que a sexualidade seja o componente principal e exclusivo (Freud) da pessoa humana, mas sim que permeia sua constituição corpórea, seus sentimentos, sua sensibilidade, sua vontade, seu pensamento e até sua relação com Deus.

Procura-se, então, o sentido de toda uma relação baseando-se na integridade do corpo e alma em inteira harmonia, Karol Wojtyła (1981), afirma que:

“Perder a virgindade” significa, no mundo atual, ter tido relação sexual com alguém. Mas virgindade, no sentido que o Papa coloca aqui, é sinônimo de integridade do corpo e da alma, ausência de ruptura entre corpo e alma. Significa que o ser humano seria intocado, não estaria vivenciando a ruptura entre corpo e alma.”

Por isso, a sexualidade não pode ser considerada como limitada ou localizada na genitalidade. Obviamente todos os fenômenos genitais são sexuais; há, entretanto, muitos outros fenômenos sexuais que não estão relacionados com a genitalidade. A equação “sexual=genitália” não existe. A sexualidade é uma dimensão global da pessoa, uma dimensão não só física, mas também psíquica e espiritual.

Há, infelizmente, uma mentalidade em nossos dias hodiernos, um caráter de utilidade do corpo como satisfação do prazer carnal, fetiches que pervertem o verdadeiro sentido humano da sexualidade. Possui um medo de que um estranho não venha a olhar para mim com amor, mas ao invés venha a se focar nessas partes específicas de meu corpo, e venha a me tratar como um objeto para sua satisfação sexual pessoal. Então nós, instintivamente, não queremos ser usados, não queremos ser tratados como um objeto. Aqui se percebe uma visão atualizada do assunto perante a cultura, que a genitalidade é unicamente a fonte primaz da sexualidade.

Quando há uma vivência pura da sexualidade, onde o homem não é escravo da genitalidade, a qual não é uma condição “acrescentada” à pessoa, mas é uma determinação fundamental e central de seu ser humano, o ser do homem em sua integralidade passa a viver em plena harmonia, realizando-se enquanto ser humano.

A influência da sexualidade no mundo pessoal repercute em todas as manifestações da vida. Na medida em que o sexo não é acessório, isto é, instrumento para a natureza do homem e nem capacidade funcional, mas amplia-se alcançando a totalidade pessoal, vai-se percebendo e tomando consciência que a relação entre o homem e a mulher pode ser realizada de maneira justa unicamente como comunhão pessoal. Daqui se deriva o aspecto ético: o respeito ao outro em suas barreiras e limites existenciais.

Todo o processo da sexualidade tem seu dinamismo interno próprio: vai do interesse centrado em si mesmo, ao interesse para o outro; do amor a si, ao amor ao outro. Por isso nem todos se encontram em um dado momento da história, na mesma fase do desenvolvimento psicosexual. Uma sã maturação sexual implica a capacidade de poder aceitar a própria sexualidade e a dos outros como essencialmente constitutiva do ser humano.

Santo Tomás, afirma muito nitidamente esta diferenciação entre genitalidade e sexualidade levando a pessoa a uma perfeição onde o sexo tem caráter de ressurreição. Tomás distingue na natureza humana uma “*prima perfectio*”, ligada às necessidades e emergências terrenas; e uma “*última perfectio*”, própria da ressurreição. O significado da sexualidade, considerada em seu atuar genital, esgota-se dentro dos limites da vida terrena, mas seu ser, como tal, supera estes limites e desemboca na ressurreição. Muitas das vezes não se entende este processo, mas é simples e belo. O ser sexual pertence à perfeição da natureza humana tanto na espécie como no indivíduo e, já que na ressurreição se terá tudo que pertence a tais perfeições, podemos afirmar que também na ressurreição estará presente a sexualidade. Neste contexto, o Papa João Paulo II (1981) diz:

“Este estado (da ressurreição) que se diferencia essencialmente (e não apenas em grau) do que experimentamos na vida terrena, não significa, no entanto, desencarnação” alguma do corpo nem, conseqüentemente, uma desumanização” do homem. Mais ainda, significa, pelo contrário, sua “realização” perfeita. Efetivamente, num ser composto, psicossomático, que é o homem, a perfeição não pode consistir em uma oposição recíproca do espírito e do corpo, e sim numa profunda harmonia entre eles, salvaguardando a primazia do espírito.”

No livro *o Espírito Encarnado*, Ramón Lucas Lucas (2003), ilustra de forma majestosa a diferenciação de sexualidade e a genitalidade. Naquele que viveu a totalidade da sexualidade: “É o caso, para Santo Tomás do Verbo Encarnado, o qual, assumindo um corpo humano, assume a sexualidade, mas não com o fim de exercitá-la, mas porque também ela forma parte da perfeição da natureza humana”. Procura-se a forma completa de viver esta sexualidade que atualmente é desenvolvida e incentivada pela sexologia contemporânea juntamente com o Magistério da Igreja Católica que reconhece a perfeição da feminilidade e masculinidade do ser.

3 A CASTIDADE COMO PRÁTICA PARA A VIRTUDE

Identifica-se no ser da pessoa esta complexidade e amplitude da sexualidade. A castidade seria a forma mais harmoniosa e plena de realização, pois a “castidade é viver a sexualidade como será vivida quando alcançar sua perfeição suprema na outra vida” (LUCAS, 2003).

Sentir o outro na relação torna-se o reconhecer-se e conhecer o outro em formas e etapas que, concebida assim, a sexualidade torna-se base para a relação entre homem e

mulher, representada nesta terra pela castidade religiosa e no matrimônio, de forma muito mais profunda que a mera relação genital. Na vocação religiosa seria autêntica a doação de si a um Ser superior de realidade metafísica, uma relação entre o homem e a mulher que deve constituir a chama interior de qualquer outra relação mais superficial, genital ou não, e que é a garantia de um amor verdadeiramente interpessoal.

A virtude da castidade visa reprimir “tudo quanto há de desordenado nos prazeres voluptuosos” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 2000), onde seu fim é principalmente: perpetuar a raça humana, transmitindo a vida pelo uso legítimo do matrimônio. A vocação para a castidade consagrada pede uma doação completa através desse “vínculo sagrado,” o religioso entrega a Deus o corpo com todas as suas faculdades, oferece-se em holocausto, oferenda e renuncia por amor às leis da carne e vencendo-as com o auxílio da divina Graça.

4 CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DA SEXUALIDADE HUMANA

O sexo no homem não é só material, corporal, externo ao ser humano, mas é uma realidade profunda, íntima, que inunda toda sua personalidade. Para ilustrá-lo tomamos como exemplo, por seu alto conteúdo simbólico, três aspectos da atividade sexual humana: a incongruência das curvas de excitação masculina e feminina, a ausência de períodos de zelo e o fenômeno da excitação e da emoção. Esta diferenciação e especificação introduzida por Ramón Lucas Lucas demonstram a complementaridade do ser e suas formas gerais de conhecimento de seu corpo e sua totalidade na alma (pessoa humana).

4.1 A incongruência das curvas de excitação masculina e feminina

Há uma grande diferença de níveis entre o homem e a mulher. Torna-se notório que a excitação masculina sobe de maneira bruta e descende também bruscamente; na mulher, pelo contrário, a excitação e o retorno à normalidade são lentos e largos. Nesta comunhão interpessoal deve-se preparar para este ato e estado de consagração total do amor, para que assim a sexualidade expresse sua total entrega como dom, na reciprocidade e fidelidade da aliança esponsal. Se cada um dos dois companheiros no exercício desta atividade pensasse só em si mesmo, certamente deixaria ao outro insatisfeito.

As características gerais do homem são determinadas como um ser racional e a mulher um ser emocional. Da mesma forma, não quer dizer que os homens são seres sem emoções. O homem é um ser emocional tanto quanto a mulher, mas, na maioria das vezes, é a razão quem

guia suas atitudes. Logo, a mulher é um ser racional tanto quanto o homem, mas, na maioria das vezes, permite que as emoções a controlem.

Por isso, que a mulher necessita de uma maior preparação, atenção no momento do ato sexual, pois seu ápice de prazer na relação é diferente daquele do homem, sendo este rápido e determinado. A condição da mulher para todo um enlace depende muito do momento que se passa, no âmbito psicológico, físico, aspectos externos do corpo, como o mau cheiro e o desarrumar da pessoa influenciam nitidamente no clímax do momento, modificando todo o ser de um casal que deve tornar-se um, no excelso momento de união.

O respeitar, amar e querer bem ao outro, valorizando-o em todo o seu ser como pessoa, resulta em um amor verdadeiro e autêntico sendo capaz de esperar, de renunciar a tudo aquilo que está reservado para o momento pleno da conjugalidade, para então desenvolver a ternura, delicadeza, e a arte de encantar ao outro. O específico da sexualidade humana está nesta realidade: seu exercício implica a presença da pessoa inteira e a transcendência da pura natureza.

Deve reconhecer que a condição criatural do corpo é algo superior e distinto de sua mera naturalidade carnal, se não tornaríamos este comportamento sexual humano como o comportamento sexual de um cachorro e fundamentando-se exatamente no fato deste também ser sexuado. Porém, esta condição criatural significa que em cada instante a pessoa está chamada a projetar-se para o que é o específico de sua humanidade, e, portanto, a transcender sua pura natureza diferenciando dos demais seres vivos. Esta verdade, que é válida para toda a pessoa humana, o é também para seu aspecto corporal, porque o corpo com sua libido é a manifestação da pessoa; e assim como a pessoa em sua integridade é um ser dialogável, aberto ao outro, é também em sua corporeidade sexual.

Sendo o ser humano um ser de dimensões bio-psíquico-espirituais, sua sexualidade não está dependente apenas de seus instintos de procriação ou de preservação da espécie necessariamente; na evolução do homem encontram-se novos sentidos para a vivência de sua sexualidade. Diferentemente dos animais, o ser humano é um ser totalmente dependente do outro. E quando a libido se quer a si mesma, não pode querer-se em exclusividade, mas esta deve abrir-se ao outro.

E nessa consumação acontecem tanto fracassos como triunfos na realização de sua sexualidade. “E em todo caso oferece a possibilidade de uma comunicação humana e não simplesmente de uma cópula ainda animal” (LUCAS, 2003). Por si mesmo e não por uma reflexão superior de caráter ético, a estrutura sexual da pessoa humana tem uma dignidade e uma nobreza própria, enquanto elemento fundamental da pessoa. Não são, portanto, as

decisões éticas as que enobrecem a sexualidade humana, mas é a estrutura mesma desta sexualidade que impõe à pessoa humana inteira um comportamento ético.

4.2 Ausência de períodos de fertilidade

Esta é outra característica da sexualidade humana que manifesta o modo em que os fenômenos fisiológicos, pelo fato de pertencerem ao corpo humano, transcendem uma interpretação meramente fisiológica. No animal, a atividade instintiva sexual tem um caráter totalmente automático. O encontro do macho com a fêmea em período fértil não está subordinado a nenhuma decisão ou escolha; tem algo de fatal. De igual modo, o ritmo dos períodos férteis está regulado de maneira automática.

Este caráter automático não se encontra no homem. Não existe no homem “normal” nenhuma atividade instintiva simplesmente vinculadora. A razão disto, em relação com a sexualidade, é a ausência de períodos de fertilidade. Ao mais existem determinados estímulos hormonais que se manifestam na intensificação do instinto. Graças a esta ausência, o homem escapa do ciclo do tempo.

De modo análogo ao que vimos em relação com as curvas de excitação masculina e feminina se encontra a ausência dos períodos de zelo e por isso a exclusão do ritmo da natureza poderia parecer, a primeira vista, comum defeito e uma perda. Contudo, está instabilidade e as desordens demonstram que são aspectos que se dão no homem por ser um indivíduo imperfeito e não somente feito para reprodução, propagação da espécie, mas, dotado de sentimentos e racionalidade; onde no animal não se tem. Para João Paulo II (1980), “o homem não pode deter-se a pôr o “coração” em estado de contínua e irreversível suspeita por causa das manifestações da concupiscência da carne e da libido.”

O fato de que o homem seja excluído da determinação instintiva não é um *minus* (menos), mas outra oportunidade que revela sua grandeza. Tal diminuição nele, da potência instintiva como ser natural, oferece-lhe a oportunidade de orientar-se livremente. A vida apresenta-se como organizada, mas não determinada pelos ciclos dos instintos, assim, o homem está exposto ao risco, e tem a oportunidade e o dever de se perguntar qual é o sentido da atividade sexual. Assim, a possibilidade de falhar se converte em um privilégio do qual só goza o homem.

A carência de uma determinação natural da sexualidade humana e das relações dos sexos produz precisamente um impulso de humanização. O passo de uma determinação natural à capacidade de atuar consciente e responsabilmente é um privilégio do homem e ao

mesmo tempo uma obrigação. Este passo que designamos com o nome de “autotranscendência do homem” está presente já na estrutura sexual do homem.

4.3 A excitação e a emoção

Essas duas características do ser humano estão sujeitas a particulares. Reações ligadas à recíproca influência da masculinidade e feminilidade sendo mais pertencentes à psicologia do que à biologia. Este problema que pertence mais à psicologia que à biologia está em estreita relação com o domínio de si. Uma atenta análise da psicologia humana demonstra que nas relações interpessoais, nas quais se encontra o influxo recíproco da masculinidade e da feminilidade, aparece na pessoa uma dupla reação: a excitação e a emoção contidas no ser.

Para João Paulo II (1984), “a diferença é que a “excitação” é primariamente “corporal”, e neste sentido é “sexual”, e por outro lado a emoção – embora fruto da atração recíproca da masculinidade e feminilidade – se refere acima de tudo à outra pessoa compreendida em seu “todo”.”

A excitação é corporal, como um animal, já a emoção refere-se a toda a pessoa, causada por outro ser humano que não se limita ao ato sexual. Esta distinção é mais especificamente humana. A diferença entre emoção e excitação não se opõem; nas relações humanas, deve envolver uma intensificação da emoção na excitação. Deste modo, excluindo qualquer redução ao puro instinto.

Sobre esta questão, Padre Paulo Ricardo (2011) refere, “relembramos então que na relação antes do casamento não acontece o amor; há um divórcio entre corpo e alma; há uma realização do corpo na cama, mas a alma não se deita na cama, existe uma incompletude da sexualidade”. Percebe-se, atualmente, em nossos jovens, casais, parceiros que nas relações sexuais, muitas das vezes, se interessa mais a excitação do corpo, não encontrando a emoção de viver o amor na relação, mas somente o prazer.

5 CONCLUSÃO

Podemos concluir que toda a sexualidade toca a pessoa e, por sua vez a pessoa se encontra sempre em evolução e crescimento; a mesma sexualidade é, portanto, uma realidade dinâmica. Encontramos no homem e na mulher formas diversas de expressar esta sexualidade, porém, desvendamos também à grandiosa maneira do encontro entre esses seres, com suas diversidades e características, essências. O eixo desse encontro é a integridade do ser dialogável de forma interpessoal.

Conhecer, respeitar, amar, esperar, cuidar, preparar, sentir são determinados caminhos que a sexualidade encontra em sua natureza à realização destes seres sexuados racionais, que são abertos ao outro e ao mundo. Contudo este ser só se satisfaz encontrando no outro uma transcendência que supera os amores carnais e busca no outro a determinação do ser. Sentir a totalidade do ser em sua sexualidade é uma atitude humana e bela que não se resume à genitalidade, mas na doação total do seu corpo a sua alma e vice-versa, encontrando nele uma verdadeira harmonia que sempre levará a felicidade.

REFERÊNCIAS

CATECISMO da Igreja Católica. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2000.

JOÃO PAULO II. **Teologia do Corpo.** O Amor Humano no Plano Divino. Alêtheia Editores. Lisboa, Portugal, 2013.

LUCAS, Ramon Lucas. **Hombre, o Espírito Encarnado.** Siqueme Editor. Salamanca, 2003. Disponível em: <http://moodle2.unid.edu.mx/dts_cursos_md/lic/AE/SH/AM/03/El_hombre_espiritu_encarnado.pdf> Acesso em: 10 de janeiro de 2013.

DUROZOI, Gerard; ROUSSEL, André. **Dicionário de Filosofia.** Editora Papirus. São Paulo, Brasil, 1996.

AZEVEDO JUNIOR, Padre Paulo Ricardo. **Comunhão e Sexo.** 2011. Disponível em: <http://www.pr.gonet.biz/kb_read.php?pref=htm&num=943>. Acesso em: 01 de março de 2013.